

CONSEQUÊNCIAS DO *BULLYING* NA VIDA DE PESSOAS EM IDADE ADULTA ¹

Walter Tavares Alencar Filho

Resumo: *Bullying* é um tipo de violência que tem deixado marcas e consequências nas crianças e adolescentes no Brasil e no mundo, mesmo depois de terem deixado os bancos escolares. Essa violência acontece em vários lugares que as crianças e adolescentes se reúnem, mas principalmente onde deviam estar protegidas, a escola. Com o objetivo de se conhecer um pouco mais dessas consequências e como lidaram com elas, foi feita uma pesquisa com 64 homens de uma Organização militar na cidade de São Luís. Foi verificado que a maioria das vítimas do *bullying* não procura ajuda, não informa aos professores nem aos pais. Foi verificado a necessidade dos pais e professores estarem mais atentos ao que acontece com as crianças na escola.

Palavras-chave: *Bullying*. Criança. Consequências.

1 - INTRODUÇÃO

O *bullying* é um tipo de violência que tem causado vários transtornos físicos e psicológicos nas crianças e adolescentes principalmente no local em que eles mais deveriam estar protegidos, o ambiente escolar. “O ambiente escolar passa a figurar como palco onde se desenrolam cenas cada vez mais violentas” (MIRANDA, 2012, p. 4). Porém, nossas crianças podem ser vítimas em outros locais, também, e fora do ambiente escolar. Segundo Felizardo (2019), estes outros locais podem ser:

[...pátio de recreio, corredores, banheiros, salas de informática, biblioteca, quadra, jardim e portão da escola. Fora da escola, pode ocorrer em vários e diferentes lugares, no transporte escolar, no caminho de casa para escola e vice-versa, nos cursos de inglês e de informática, na escola de futebol, no condomínio, nos clubes, shoppings, ou seja, onde os estudantes, geralmente, se encontram para atividades externas da escola]. (FELIZARDO, 2019, p. 38).

O *bullying* praticamente tem os mesmos conceitos nos vários autores que tratam do assunto como um tipo de violência repetitiva praticado contra uma ou mais pessoas com a finalidade de causar humilhação, dor, tortura, intimidação etc. É um assunto recente em termos de investigações acadêmicas, porém sua presença no ambiente escolar pode ser verificada já a bastante tempo, pois se formos conversar com nossos pais e avós eles certamente nos falarão das mesmas situações que vivem os estudantes de hoje, porém naquela época não era dada a importância que o tema

¹ Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade do Sul de Santa Catarina, sob orientação do professor Dr. Jorge Alexandre Nogared Cardoso, no primeiro semestre de 2021.

tem atualmente. A violência com crianças e adolescentes no ambiente escolar já vem sendo estudado a algumas décadas principalmente em países europeus como nos informam Francisco & Coimbra:

As primeiras pesquisas sobre o tema foram realizadas na Noruega, quando três crianças e adolescentes noruegueses que tinham entre 10 e 14 anos de idade, que eram perseguidos e intimidados por seus companheiros de escola cometeram suicídio, como resposta aos ataques sofridos, (apud FREIRE & AIRES, 2012) e expandiram-se aos demais países escandinavos na década de 1970. Nesse sentido, autoridades educativas dos países escandinavos começaram a financiar pesquisas e elaborar alternativas educativas de combate ao *bullying* (FRANCISCO & COIMBRA, 2015, p. 185).

O pesquisador norueguês Dan Olweus (1993) foi o pioneiro em estudos sobre *bullying* e suas consequências no ambiente escolar. MENEGOTTO, PASINI e LEVANDOWSKI (2013, p. 3) nos informam que “no cenário brasileiro, foi, sobretudo, na década de 1990 que o *bullying* passou a ser discutido, mas foi, a partir de 2005, que o tema passou a ser objeto de discussão em artigos científicos (apud NETO, 2005)”. Nem toda desavença no ambiente escolar se caracteriza como *bullying*, pois ali temos um grande número de crianças e adolescentes com diferentes personalidades e devido às relações humanas e ao convívio social, às vezes, é inevitável que o confronto de ideias surja, porém, as provocadas pelo *bullying* causam grande sofrimento nas mesmas, as quais geralmente afetam o rendimento escolar e podem até causar aversão nas crianças e adolescentes de frequentarem a escola.

O *bullying* escolar causa sofrimento, solidão, incapacidade reativa, danos materiais, físicos, morais, cognitivos, psicológicos, depressão, automutilação e ideação suicida ao intimidado. Outras consequências são indecisões comportamentais e atitudinais nos espectadores e insatisfação psicológica no agressor, além da ameaça ao desenvolvimento saudável de crianças e jovens, futuros adultos em todo mundo (FELIZARDO, 2019, p. 35).

Essa violência tem deixado sofrimentos que podem acompanhar estes indivíduos por toda a sua vida com consequências no trabalho e nos relacionamentos interpessoais. Souza (2019, p. 5) diz que “os efeitos de tais agressões sofridas se exprimem, por exemplo, no adulto, pela presença de ansiedade, de falta de estima de si mesmo e de sintomas de depressão”. Este projeto de pesquisa buscou contribuir na pesquisa dos efeitos nocivos do *bullying* na vida de pessoas que sofreram ou

praticaram essa violência ainda quando crianças ou adolescentes e que mesmos na fase adulta ainda sentem os efeitos do mesmo em suas vidas em sociedade. O objetivo geral do presente projeto de pesquisa é de investigar e refletir sobre as possíveis consequências e marcas que o *bullying* deixou na vida das pessoas adultas da época em que eram estudantes nas escolas da cidade de São Luís e como isso repercutiu nos vários aspectos de suas vidas. Para se tentar atingir este objetivo geral foi traçado os seguintes objetivos específicos: identificar pessoas adultas que durante sua jornada no ensino fundamental ou médio tiveram algum contato com situações de *bullying*, seja como vítimas, espectadores ou agressores; verificar através de questionários quais as situações de *bullying* essas pessoas vivenciaram e identificar como tais situações influenciaram em suas vidas; pesquisar nos artigos científicos no Brasil o que os especialistas falam sobre as consequências do *bullying* na vida de pessoas que vivenciaram o mesmo quando estudantes e pesquisar ainda nos artigos científicos o que tem sido feito para ajudar essas pessoas a superarem ou enfrentarem esses traumas como consequências do *bullying*. Com a finalidade de alcançar os objetivos propostos neste projeto foi utilizada a pesquisa pura e do tipo empírica. Como pesquisa empírica foi feito uma entrevista com sessenta e quatro homens de uma organização militar das Forças Armadas em São Luís, a fim de conhecer melhor os efeitos do *bullying* na vida de pessoas adultas, como elas lidaram e superaram com o mesmo e como interferiu ou não em suas vidas. Foi elaborado um questionário de sete questões abertas onde se buscou informações importantes para pesquisa como sexo, idade, trabalho, escolaridade, tipo de escola em que vivenciou o *bullying* e qual a provável série ou local onde aconteceu ou presenciou e o ano. Pretendeu-se encontrar pelo menos 1 participante que vivenciaram situações de *bullying* como espectadores, vítimas, agressores ou vítimas/agressores e como essas situações influenciaram ou não em suas vidas adultas. Após este estudante ter selecionado um entrevistado de cada tipo conseguiu falar com eles informalmente a fim de coletar mais algumas informações complementares para se tentar atingir os objetivos propostos na presente pesquisa. Para a pesquisa pura foi buscado na internet, no Google Acadêmico, na base de dados do Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual da UNISUL e demais bibliotecas virtuais e sites de notícias, artigos científicos ou não que falem sobre as influências do *bullying* quando

crianças em pessoas já adultas. Se o tema *bullying* tem poucos artigos no Brasil por ser um assunto mais recente perto de outros países que estudam o fenômeno a mais tempo, o tema proposto para este projeto é muito menos ainda estudado por aqui. Foi encontrado poucos artigos no Brasil que falam do tema e mesmo assim falam muito pouco sobre o assunto. Temos uma grande variedade de estudos e artigos que falam dos traumas em adultos vividos quando ainda eram crianças, mas muito poucos dos traumas causados pelo *bullying* em pessoas adultas.

2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O *bullying* tem se tornado um problema que cada vez mais atinge as crianças e adolescentes em todo Brasil e no mundo. Para se ter uma ideia da presença do *bullying* nas escolas brasileiras a repórter Marina Tokarnia publicou um artigo no site da Agência Brasil em 2017 uma informação do terceiro volume do Programa Nacional de Avaliação de Estudantes (Pisa de 2015) que **“um em cada dez estudantes no Brasil era vítima frequente de *bullying*”** naquele ano. Ainda de acordo com o mesmo artigo:

Em 2019, uma Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP), realizada com 2.702 adolescentes do nono ano em 119 escolas públicas e privadas da capital paulista, revelou que **29%** deles relataram ter sido vítimas de *bullying* naquele ano” (Tokarnia, 2017, p. única.

Sabe-se que alguns traumas vividos na infância podem se manifestar nas vidas das pessoas quando adultos e interferir desastrosamente no seu convívio e comportamento social, no desempenho de seus empregos e mesmo nas suas relações interpessoais.

Psicanalistas como Anna Freud, Melanie Klein, Abraham, Green, Cohen, Fonagy, Bemporad, Shengold, Shechter, entre outros, desenvolveram teorias a respeito dos traumas de infância de seus pacientes e as repercussões nocivas em sua vida adulta e que tais repercussões se prendiam a prejuízos na qualidade de vida e nas relações interpessoais e até em manifestações clínicas como depressão, entre outras patologias (ZAVASCHI MLS et al., 2002, p. 190).

ZAVASCHI MLS et al. (2002, p. 190) afirmam também que “há pesquisadores que encontraram relação entre experiências infantis adversas, de gravidade cumulativa, com diversas doenças da vida adulta, tendo inclusive a morte como possível desfecho”.

Essas crianças e adolescentes poderão desenvolver traumas que se refletem por toda a sua vida de estudante e até mesmo depois do período escolar. De acordo com Souza (2019, p. 157):

A clínica psicológica dos adultos encontra frequentemente os efeitos do processo de *bullying* na escola, e, em particular, nos casos em que o *bullying* não pôde ter sido percebido, na época, em sua dimensão deletéria, por parte dos adultos, pais e professores. Os efeitos de tais agressões sofridas exprimem-se, por exemplo, no adulto, pela presença de ansiedade, de falta de estima de si mesmo e de sintomas de depressão, sintomas que o levam a se consultar com um terapeuta (SOUZA, 2019, p. 157).

Tem-se observado que o mesmo acontece com muitos adultos que viveram situações de *bullying* quando eram crianças ou adolescentes, pois o *bullying* não deixa de ser também um tipo de trauma que um grande número delas vivenciou no local em que elas mais deviam estar protegidas, o ambiente escolar. Marques ERR et al. (2019, p. 308, apud ZOEGA e ROSIM (2009) afirmam que “a vítima de *bullying* poderá tornar-se um adulto agressivo quando a agressão sofrida na infância não for superada, causando problemas nos relacionamentos, no ambiente de trabalho, em casa e chegando a reproduzir os mesmos atos sofridos”. Essa situação de alguns adultos que sofreram de *bullying* quando crianças ou adolescentes é confirmado por Souza:

O *bullying* na escola pode gerar efeitos que permanecem até, e durante, a vida adulta. Muitas vezes, sintomas psíquicos aparecem quando um acontecimento na vida do sujeito vem, através de associações de ideias, trazer à tona as marcas mnésicas de uma situação vivida no passado, revelando, assim, seu caráter traumático (SOUZA, 2019, p. 153).

OLIVEIRA na sua tese de mestrado nos dá mais algumas listas de problemas emocionais que o adulto vítima de *bullying* poderá enfrentar no seu dia a dia:

Apud VANDERBILT e AUGUSTYN, (2010) Além dos riscos imediatos para as vítimas de *bullying*, há a possibilidade de desenvolvimento de

vulnerabilidade psíquica para sintomas psicopatológicos e transtornos emocionais na idade adulta (2012, p. 17)

Apud Sourander (2009) identificou transtornos de ansiedade, comportamentos antissociais, transtornos depressivos e psicóticos, abuso e dependência de substâncias psicoativas em jovens adultos que sofreram *bullying* na infância. Além disso há o aumento da incidência de doenças clínicas e infecções (2012, p. 17)

ALBUQUERQUE et al., menciona um estudo a respeito das consequências do *bullying* na vida de pessoas adultas no seguinte teor:

Carlisle e Rofes (2007) realizaram um estudo piloto com 15 adultos do sexo masculino, com histórico escolar de *bullying*. Ao medirem as consequências a longo prazo do *bullying*, os autores concluíram que seus efeitos eram mais amplos e persistentes do que o que já foi apontado pela literatura, sugerindo uma sintomatologia traumática semelhante à do histórico de abuso infantil, no qual o adulto é violento com a criança (ALBUQUERQUE et al., 2013, p. 95).

Tanto as crianças e adolescentes que foram vítimas como até mesmo os agressores e aquelas que somente presenciaram as agressões podem ter sequelas que influenciarão por toda suas vidas. Um artigo publicado no site Oficina de Psicologia de 31 jul 2014 afirma que “se mal resolvido, o *bullying* pode deixar marcas para o resto da vida – tanto nos que o praticam como naqueles que são vítimas e que mesmo depois de muitos anos, o indivíduo ainda não superou o trauma das agressões morais e físicas sofridas”. Este mesmo artigo informa também que:

Uma investigação publicada na revista “Psychological Science”, sugere que uma criança vítima de *bullying* tem um risco mais alto de desenvolver problemas de saúde e dificuldades sociais na idade adulta e que os resultados mostram que os agressores (bullies) têm maior risco de consumir substâncias, de ter problemas de ansiedade, depressão, abuso e hostilidade”. O artigo nos alerta ainda que “para as vítimas da intimidação, ser o alvo pode resultar num aumento do risco de suicídio, depressão, mau desempenho escolar e baixa autoestima (ibid., p. única)

A Doutora em psicologia clínica Lélia Castro de Souza no seu artigo **Quando o *bullying* na escola afeta a vida adulta** (2019) nos informa que acompanhou no seu consultório o caso de duas jovens que foram vítimas de *bullying* quando eram estudantes e demonstra claramente como os traumas que elas viveram na escola afetou suas vidas adultas e influenciaram negativamente em muitas áreas de suas

vidas. Neste mesmo artigo a doutora nos traz mais uma importante informação sobre consequências de *bullying* na vida de adultos:

Uma criança vítima de *bullying* na escola de Ensino Fundamental teria quatro vezes mais riscos de suicídio na adolescência, e que poderíamos interpretar esta observação como consequência de um estado depressivo que, aliás, tenderia a permanecer e desenvolver-se mais tarde, na fase adulta (SOUZA, 2019, p. 155, apud TTOFFI ET AL. (2011).

Vez ou outra temos conhecimento de uma das tristes faces desses traumas em vários lugares ao redor do mundo e mesmo no Brasil. Só para citar um exemplo o site de notícias DW Made for minds nos informa numa reportagem publicada em 14 mar 19 que:

Em 13 mar 19 no ano de 2011 um rapaz de 25 anos abriu fogo contra alunos em salas de aula lotadas na Escola Municipal Tasso de Silveira, no bairro de Realengo, na zona oeste do Rio de Janeiro, em um dos massacres mais sangrentos em instituições de ensino do Brasil. Ao todo, 12 estudantes morreram e 13 ficaram feridos, todos com idades entre 12 e 14 anos e que o atirador era ex-aluno da escola e, em anotações encontradas em sua casa, havia escrito que o massacre foi motivado por humilhações que enfrentou enquanto estudava.

3 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 - PARTICIPANTES

Com a finalidade de alcançar os objetivos propostos foi feita uma pesquisa com sessenta e quatro homens, todos militares pertencentes a uma Organização Militar localizada em São Luís (MA). Nesta organização trabalham cerca de 500 pessoas entre homens e mulheres de idades entre 19 e 55 anos de vários postos e graduações. Como a predominância é de cerca de 95% de homens, foram convidados somente estes para participarem da pesquisa. Devidamente autorizado pela direção da Organização militar este estudante distribuiu os questionários aos participantes de uma das Companhias que levaram para casa e trouxeram no outro dia.

3.2 - INSTRUMENTO

Foi elaborado um questionário de sete questões abertas onde se buscou informações importantes para pesquisa como sexo, idade, trabalho, escolaridade, tipo de escola em que vivenciou o *bullying* e qual a provável série ou local onde aconteceu ou presenciou e o ano. Pretendeu-se encontrar pelo menos 1 participante que vivenciou situações de *bullying* como espectadores, vítimas, agressores ou vítimas/agressores e como essas situações influenciaram ou não em suas vidas adultas. Após este estudante ter selecionado um entrevistado de cada tipo conseguiu falar com eles informalmente a fim de coletar mais algumas informações complementares para se tentar atingir os objetivos propostos na presente pesquisa.

3.3 - IDADES DO PARTICIPANTES

Os participantes têm idades entre 18 e 49 anos, conforme abaixo discriminadas:

- **18 anos:** 32 – 50,00%; **19 anos:** 21 – 32,81%; **20 anos:** 5 – 7,80%; **21 anos:** 1 – 1,57%; **22 anos:** 1 – 1,57%; **24 anos:** 2 – 3,11%; **38 anos:** 1 – 1,57%; **49 anos:** 1 – 1,57%.

A grande proporção de quase 83% da idade dos participantes entre 18 e 19 anos se deve a idade normal em que o jovem entra numa Organização Militar das Forças Armadas para prestar o serviço militar obrigatório, o que pela Lei do Serviço Militar pode ser até 29 anos. Os demais participantes com idades de 21 até 49 são de militares que permaneceram no serviço militar após o tempo inicial obrigatório ou fizeram concurso para uma das várias Escolas de Formação Militar espalhadas pelo Brasil a fora.

3.4 - ANOS EM QUE VIVENCIARAM AS SITUAÇÕES DE *BULLYING*

- 1983: 1 – 1,57%; 1997: 1 – 1,57%; 2009: 1 – 1,57%; 2010: 2 – 3,11%; 2010 a 2019: 1 – 1,57%; 2011 a 2018: 1 – 1,57%; 2012: 2 – 3,11%; 2013: 1 – 1,57%; 2014 a 2015: 1 – 1,57%; 2015: 4 – 6,25%; 2016: 5 – 7,80%; 2017 a 2019: 1 – 1,57%; 2018: 6 – 9,36%; 2018 a 2019: 1 – 1,57%; 2019: 3 – 4,68%; não informado: 26 – 40,63%;

não lembra: 3 – 4,68%; Infância: 2 – 3,11%; toda infância: 1 – 1,57%; durante o ensino médio: 1 – 1,57%

Foi observado que 45% dos participantes não informaram ou não se lembram do ano em que tiveram contato com situações de *bullying*, porém no bojo de suas respostas no questionário alguns informaram algum tipo de experiência com o tema da pesquisa, motivo pelo qual este percentual difere dos 28,12% do item 3.5, onde consta como não informado as situações de *bullying*.

3.5 - SITUAÇÕES DE *BULLYING*

- **Vítimas:** 16 - 25%; **Presenciou:** 20 – 31,25%; **Agressor:** 2 - 3,11%; **Vítima/Agressor:** 8 - 12,50%; **Não informado:** 18 – 28,12%

As porcentagens daqueles que vivenciaram alguma situação de *bullying* na pesquisa foram: vítimas: 25%, presenciaram: 31,25%, agressores: 3,11% e vítimas/agressores: 12,50%. Estes números são bem maiores do que os da pesquisa da ABRAPIA de 2003 em relação a vítimas e menos quando se refere aos agressores, que contam 16,9% para vítimas, 12,7% para agressores e 10,9% para vítimas/agressores. Na organização militar em que fiz a pesquisa, todo ano incorporam jovens do sexo masculino com idades de 18 e 19 anos para prestarem o serviço militar inicial, sendo feito uma criteriosa seleção dos mesmos no que diz respeito a exames de saúde, testes físicos e psicotécnicos, além de uma entrevista com cada um deles a fim de detectar algum problema social que os impeça de ser militar, tais como ser usuário de drogas, problemas com a justiça como por exemplo delinquência, ser membro de gangues e outros problemas sociais. Este estudante acredita que pelos critérios elencados acima que tem como objetivos selecionar os melhores jovens para o serviço militar, que apareceu somente 2 agressores na pesquisa, correspondendo a um pouco mais de 3% dos entrevistados. O que não significa que os demais participantes não foram agressores em algum momento de suas experiências com o tema, porém somente estes se identificaram somente nessa situação (pois tem aqueles que se identificaram como vítimas e agressores), sendo que aqueles que

seriam agressores devido talvez ao convívio social conturbado e a uma vida pregressa duvidosa, não ingressam no serviço militar.

3.6 - ESTADO CIVIL

- Solteiros: 54 – 84,38%; Casados: 5 – 7,81%; Separados: 0 – 0,00%; Outros: 5 – 7,81%.

Mais de 84% dos participantes da pesquisa são solteiros, pois ter família ou ser arrimo de família é um dos critérios para o jovem não poder ingressar para o serviço militar obrigatório, que exige dedicação exclusiva por parte dele. Após este primeiro ano, se ele continuar nas fileiras da Corporação, poderá constituir sua família.

3.7 - ESCOLARIDADE

- Último Ano do Ensino Médio: 15 – 23,44%; - Ensino Médio Completo: 39 – 60,94%; Ensino Superior Incompleto: 8 – 12,50%; Superior Completo: 2 – 3,12%

Hoje em dia se o jovem tem baixa escolaridade o Sistema de Alistamento militar já o coloca no excesso de contingente, impedindo o mesmo de concorrer à seleção daqueles que poderão prestar o serviço militar obrigatório, sendo no final selecionados aqueles que tem as melhores escolaridades como no mínimo estar cursando o último Ano do Ensino Médio ou mesmo já ter cursado.

3.8 - RELAÇÃO COM O LOCAL ONDE OCORREU O *BULLYING* E O SEU TIPO GERAL

Local Tipos	Escola	Em casa	Vizi- nhança	Rua	Bairro	Não infor- mado	Socie- dade	Total Tipos
Apelidos gozações xingamen- tos	12		1	2	1	3		20 = 27,03%
Agressão físicas	3		1	2	1	1		4 = 5,41%
	3					1		

Aparência Física	12 12	1 1			2 2	1 1	1 1	17 22,97%
Homossexualidade	1 1							1 1,35%
Jeito de falar	1 1				1 1			2 2,70%
Jeito de ser	2 2							2 2,70%
Não vivenciou						1 1		1 1,35%
Não informado						15 15		15 20,27%
Poder aquisitivo	2 2							2 2,70%
Racismo	3 3				1 1	3 3		7 9,47%
Nunca sofreu	2 2							2 2,70%
Não interferiu						1 1		1 1,35%
Total Local	38 = 51,35%	1 = 1,35%	1 = 1,35%	2 = 2,70%	5 = 6,76%	26 = 35,14%	1 = 1,35%	74 = 100%

Considerando o total de 64 participantes da pesquisa verifica-se que 46 informaram ter sofrido ou presenciado algum ato de *bullying*, o que corresponde a quase 72% do total. Esse percentual é muito superior aos 39,2% da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar de 2015 (PeNSE). Se não levarmos em conta os casos em que não foi informado o local esta porcentagem sobe para mais de 80%. Observa-se ainda pelos dados acima que mais da metade dos casos de *bullying* aconteceram em um único lugar, a escola. “A violência nas escolas é um problema social grave e complexo e, provavelmente, o tipo mais frequente e visível da violência juvenil” (NETO, 2005, p S165). As nossas crianças deveriam se sentir seguras e estimuladas por estarem na escola na busca pelo conhecimento, desenvolvimento intelectual e pessoal também, porém a prática do *bullying* tem produzido em um grande número delas aversão e medo de frequentar. A psicóloga Lélia Castro de Souza, no seu artigo **Quando o bullying na escola afeta a vida adulta** (2019), citando Catheline & Linlaud-Fougeret nos informa que:

[...o mal-estar da criança/adolescente diante do *bullying* na escola não vai se traduzir de forma típica, porém, observa-se por vezes uma tendência da parte das crianças/adolescentes agredidas em evitar o meio escolar, um aumento importante de atrasos na escola, uma propensão ao esquecimento do material escolar, visitas múltiplas à enfermaria, ausência nas atividades esportivas e coletivas] (p. única)

Os demais casos aconteceram em casa, na vizinhança, na rua do bairro, no próprio bairro e na sociedade. Quantos aos tipos de *bullying* se formos levar em consideração somente os casos informados podemos observar que o maior número foi atribuído a apelidos, gozações e xingamentos com mais de 36% dos casos. BRINO e LIMA encontraram em seu trabalho de pesquisa um número bem maior: 45,7% (2015, p. 31). A pesquisa da ABRAPIA (2003) informa que os apelidos são o tipo de *bullying* mais praticado pelos estudantes (54,2%). Em segundo lugar vem aparência física com quase 31%. Os demais casos são sobre homossexualidade, jeito de falar, jeito de ser, poder aquisitivo e racismo (12,72%).

3.9 - RESPOSTAS DA QUESTÃO NR 3

Os professores ou a direção escolar foram informados da situação que acontecia com você? Se foram avisados qual foi a providência que os professores ou a direção escolar tomaram a respeito?

3.9.1 - NÃO FORAM AVISADOS: 27 – 42,19%

Muitas crianças e adolescentes sofrem calados as agruras de serem vítimas dessa prática que muitas vezes é diária e constante. Devido a vários fatores e motivos como medo de represálias, falta de confiança no professor, timidez, intimidação dos seus algozes, não falam para os professores e se sentem sozinhas dentro do local em que deviam se sentir seguras. A Doutora em psicologia clínica Lélia Castro de Souza no seu artigo **Quando o *bullying* na escola afeta a vida adulta** (2019) nos informa que:

Estes, por outro lado, não comunicam esta situação aos adultos, por razões diversas, tais como o fato de receber ameaças dos agressores no sentido de se calar, o fato de sentir-se envergonhada pelo que lhe acontece, o medo da



incompreensão dos adultos, e/ou de eventuais represálias da parte dos agressores, caso esse problema seja revelado. (p. única)

3.9.2 - NÃO PREENCHIDO: 21 – 32,81%;

3.9.3 - FORAM AVISADOS: 16 – 25%

3.9.3.1 - TOMARAM ALGUMA PROVIDÊNCIA: 12 – 18,75%

O papel do professor bem como dos pais é fundamental na prevenção e no combate à prática do *bullying* em sala de aula, nos ambientes da escola e mesmo fora dela, como afirmam ANDRESSA e ALENCAR (2015, p 7) “O professor tem um papel significativo na identificação, combate e eliminação do *Bullying*, dentro da sala de aula, refletindo suas ações em outros ambientes fora de seus domínios”.

3.9.3.2 - NÃO TOMARAM NENHUMA PROVIDÊNCIA: 4 – 6,25%

O professor ao saber da ocorrência de *bullying* em sala de aula (e precisa estar atento a isso também) não pode ser omissos e não tomar uma atitude, pois contribuirá para a continuação dessa violência e de certa forma incentivando os agressores e contribuindo para o sofrimento das vítimas. Os professores têm que ficar atentos se essa prática ocorre em sua sala de aula a fim de tomar alguma atitude para coibir tal violência que prejudicará a aprendizagem de boa parte de seus alunos e até impedindo as vítimas de assistirem sua aula.

O professor precisa intervir imediatamente quando percebe algum tipo de manifestação em sala, se o professor, de alguma forma toma conhecimento e não nenhuma atitude ou pior, compartilha das agressões, seu papel passará a ser o de expectador, que é o mesmo que de agressor, aumentando ainda mais o sofrimento da vítima e ele, o professor, em alguns casos, poderá ser vítima de crianças que foram alvos no passado e poderão vir a se vingar, como o caso ocorrido no Rio de Janeiro em 2011. (ANDRESSA e ALENCAR, p 7).

3.10 – RESPOSTAS DA QUESTÃO NR 4

Seus pais ficaram sabendo do que aconteceu com você na escola? Se ficaram sabendo eles tomaram alguma providência?

3.10.1 - NÃO INFORMARAM AOS PAIS: 27 – 42,29%

Uma reportagem do site guiame.com.br de 1º de abril de 2011 traz o seguinte título: **90% das crianças que sofrem *bullying* não contam para os pais**. As crianças têm que ver nos pais o amparo, apoio e confiança necessários para dividirem com eles suas ansiedades, medo e os traumas que estão passando na sua fase de desenvolvimento e principalmente suas atividades na escola. O que acontece é que muitos filhos não levam seus problemas para os pais por medo de não serem compreendidos e até mesmo receberem a famosa “surra” por estarem segundo a visão dos pais brigando na escola, e eles acabam sofrendo calados e sozinhos esses momentos difíceis.

3.10.2 - RESPOSTAS EVASIVAS: 26 – 40,62%

3.10.3 - INFORMARAM AOS PAIS: 11 – 17,19%

O papel dos pais na prevenção e combate ao *bullying* é tão importante como o dos professores. A prevenção e combate a este mal começa dentro de casa com presença dos pais em todas as áreas da vida dos filhos, principalmente na vida escolar. O que acontece em muitos lares é que os pais jogam os filhos numa escola e espera que lá eles tenham toda a educação e amparo que não receberam em casa, além de muitas vezes a violência que se reproduz na escola é aprendida direta ou indiretamente dentro de casa. São filhos que vivem sem nenhuma disciplina, que os pais não conversam, não sabem do que acontece na vida dos filhos. A correria da sociedade moderna tem colaborado em grande parte com essa degradação da família, pois uma boa parte dos pais saem e chegam do trabalho e não veem seus filhos, que mal tem a presença da mãe que tem que fazer as tarefas do lar.



Os filhos devem sentir nos pais o porto seguro. Os pais por sua vez devem estar presentes na escola de tal forma que cobrem atitudes por parte da escola para evitar a ocorrência do fenômeno. Os pais devem ajudar o filho e ajudar a escola a enfrentar o desafio de vencer o *bullying*. (SILVA, 2011, p 1)

3.11 - RESPOSTAS DA QUESTÃO NR 5

O *bullying* deixou alguma marca em sua vida?

3.11.1 - RESPOSTAS QUE O *BULLYING* NÃO DEIXOU MARCAS: 34 = 53,12%

Mais da metade dos entrevistados informaram que não o *bullying* não deixou marcas em suas vidas ou superaram as consequências dele. Todo ser humano é diferente um do outro e cada um reage às mesmas situações de formas diferentes. Muitas vezes o que serve para alguém não serve para outra pessoa, porém algumas situações colaboram para esses números positivos, tais como: uma família bem estruturada que apoia e acompanha a criança nas suas atividades escolares, uma formação pessoal e religiosa sólida, uma escola que esteja atenta a essa prática e que proteja as vítimas e as acompanhe, além da criança se sentir motivada a denunciar os maus tratos pelos quais passa.

3.11.2 - NÃO PREENCHIDO: 19 = 29,69%

3.11.3 - RESPOSTAS QUE O *BULLYING* DEIXOU MARCAS: 11 = 17,19%

A maioria dos pesquisadores sobre *bullying* concordam que ele pode deixar marcas nas vidas das crianças que sofreram com ele depois da vida escolar como adultos. Muitos conseguem se livrar dos traumas e vivem suas vidas normalmente, procurando até mesmo ajudar a outros a enfrentarem essa violência, como alguns pais em relação aos seus filhos como foi o caso de CH no item 3.14.1. Mas outros vão levar esses traumas pelo resto de suas vidas e continuarão a sofrer as consequências deles. BROTTTO (2020, p. única) afirma “As marcas emocionais e as consequências do *bullying* permanecem na vida adulta e vão acompanhando a fase de maturidade por longo tempo”.

3.12 - RESPOSTAS DA QUESTÃO NR 6

Você acha que o *bullying* atrapalha ou atrapalhou em alguma área de sua vida?

3.12.1 - RESPOSTAS NEGATIVAS TOTAIS: 38 = 59,38%

3.12.1.1 - RESPOSTAS NEGATIVAS EVASIVAS: 30 – 46,87%

Mais de 59% dos entrevistados informaram que o *bullying* não atrapalhou suas vidas. Como mencionado no item 3.11.1 muito dessa porcentagem positiva se deve a presença dos pais na vida dos filhos e por conseguinte uma família bem estruturada além de a escola ter um programa voltado para o combate e erradicação do *bullying*, palestras para os estudantes, pais e corpo docente, cartazes espalhados pela escola, incentivar os alunos a denunciarem se forem vítimas ou presenciarem essa prática etc.

3.12.1.2 - RESPOSTAS NEGATIVAS COM MOTIVOS: 8 – 12,50%

Os relatos do item 5.1.2 do Apêndice nos informam que não ficaram marcas em suas vidas das experiências com o *bullying*. Estes jovens não se deixaram abater pelas perseguições que sofreram e encontraram forças para superar e até transformar essa situação em incentivo para superarem e seguirem em frente.

3.12.2 - NÃO PREENCHIDO: 18 – 28,12%

3.12.3 - RESPOSTAS POSITIVAS: 8 – 12,50%

Observando as respostas negativas ou positivas (itens 5.1.1, 5.1.2 e 5.3 do Apêndice) à pergunta “o *bullying* atrapalha ou atrapalhou em alguma área de sua vida?”, verifica-se que em todas elas de uma certa forma o *bullying* atrapalha ou atrapalhou em alguma área da vida de quem sofreu com essa violência. São inúmeras as consequências deixadas nas vidas das pessoas como mencionam SOUZA (2019) no artigo **Quando o *bullying* na escola afeta a vida adulta**: “Os efeitos de tais agressões sofridas exprimem-se, por exemplo, no adulto, pela presença de ansiedade, de falta de estima de si mesmo e de sintomas de depressão...”. A psicóloga BROTTTO no seu artigo **Consequências do *bullying* na vida adulta** nos informa mais algumas outras consequências do *bullying* na vida de adultos:

Transtornos alimentares que levam a obesidade ou ainda a anorexia/bulimia podem também ser consequências do *bullying* na vida adulta.

Além disso, ele também aumenta o risco do aparecimento de câncer, úlceras, doenças do tipo diabetes, AVC e enxaquecas.

O abuso de álcool e drogas é uma das consequências mais comuns entre as pessoas que sofreram *bullying* na infância. Depressão, tendências suicidas e psicose são transtornos associados ao trauma. (2020, p única)

3.13 - RESPOSTAS DA QUESTÃO NR 7

Você procurou algum tipo de ajuda ou tratamento para lhe ajudar a superar as situações que você elencou no item 8? Se sim qual e como foi essa ajuda?

3.13.1 - RESPOSTAS NEGATIVAS TOTAIS: 34 = 53,13%

3.13.1.1 - RESPOSTAS NEGATIVAS EVASIVAS: 23 – 35,94%

3.13.1.2 - RESPOSTAS NEGATIVAS COM MOTIVOS: 11 – 17,17%

Como demonstrado no item 3.13.1 acima, a maioria das vítimas de *bullying* não procuram nenhum tipo de tratamento ou mesmo qualquer tipo de ajuda, o que dificulta mais ainda àqueles que vivem com as consequências muitas vezes de anos de sofrimento na escola. Como já foi demonstrado antes as vítimas não procuram os pais, não avisam os professores e tentam resolver sozinhas o problema. No site *Bullying* não é brincadeira, no artigo de Valéria Resende Silva, de 8 de março de 2016, **Porque as vítimas de *bullying* sofrem em silêncio** nos informa pelo menos 4 motivos pelos quais as vítimas não falam a ninguém: “1: Têm vergonha de estar sofrendo *bullying*; 2: Têm medo de retaliação; 3: Acham que ninguém pode ajudá-los, pela indiferença dos professores e a distância e falta de intimidade com os pais e 4: Não contam aos pais para não os fazer sofrer”. As crianças devem se sentir motivadas a informarem na escola qualquer ato relativo ao *bullying* que sofreram ou presenciaram e isso é papel da escola trabalhar nesse sentido através de palestras, filmes, cartazes, redes sociais etc.

3.13.2 - NÃO PREENCHIDO: 28 – 43,75%

3.13.3 - RESPOSTAS POSITIVAS: 2 – 3,12%

Dos 64 entrevistados 46 informaram que de alguma forma vivenciaram o *bullying* em algum momento de suas vidas. Dessas, 16 foram vítimas e outras 8 foram vítimas e agressores, porém somente 2 ou seja 3,12% procuram algum tipo de ajuda e dessas 2 somente 1 procurou de fato (item 6.3 do Apêndice). A escola poderia ajudar muito nessa triste estatística incentivando os seus estudantes a pelo menos procurar um professor de confiança ou a direção psicopedagógica e se for o caso encaminhar os casos mais graves a um especialista ou mesmo grupo de apoio com várias especialidades (assistente social, psicólogo, ou mesmo Conselho Tutelar etc.).

3.14 – TRANSCRIÇÃO DE UMA ENTREVISTA DE CADA SITUAÇÃO VIVIDA PELOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

3.14.1 – VÍTIMA – INICIAIS – CH - 38 anos, casado, estudou em escola pública, ano provável que foi vítima foi 1997. Questionário preenchido em 16 mar 2021

1. Qual das situações abaixo você vivenciou em relação à prática do *bullying*:

Vítima (X) Presenciou () Agressor () Vítima/Agressor ()

2. Fale como era o *bullying* que você vivenciou: “Eu sofri *bullying* por parte de alguns alunos mais velhos e repetentes, estava cursando a 8ª série. Tirava boas notas na turma, era o melhor aluno e os fortões queriam só um motivo para me dar alguns “pescoções”. Tentava reagir, mas estava em desvantagem pelo meu porte físico.” São vários os motivos que uma vítima pode atrair a atenção dos agressores e ser um bom aluno é uma delas. Era o que acontecia com CH. Devido ao seu bom desempenho escolar era alvo de agressões físicas de alunos repetentes e mesmo que tentasse revidar não conseguia por ser menor e estar sozinho contra seus agressores. Muitos alunos diante dessa triste situação deixam de se destacar na escola com medo de continuarem a ser vítimas ou as próximas. MIRANDA citando (THORNBERG, 2010) confirma que “diferenciar-se da turma pelo bom desempenho escolar, por maior poder aquisitivo, boa oratória ou pela beleza também pode levar à ocorrência de *bullying*” (2012, p 22).

3. Os professores ou a direção escolar foram informados da situação que acontecia com você? Se foram avisados qual foi a providência que os professores ou a direção escolar tomaram a respeito? “Sim foram informados, porém não adiantou muito, os alunos agressores usavam drogas e não tinham uma estrutura familiar para cuidar desta situação. Não sei se os pais dos alunos foram chamados, mas eles foram para a direção (os alunos)”. O professor que não toma providência diante de atos de *bullying* que presencia (e que deveria estar atento) em sua sala de aula está contribuindo para a continuidade dessa prática e sendo um agressor indireto contra as vítimas, podendo ele mesmo ser uma vítima no futuro como já aconteceu por algumas vezes em casos informados pelos noticiários. BRINO e LIMA confirmam essa a ineficiência de muitos professores quanto a isto:

Apesar de o número ser menor, alunos relataram que alguns professores são inefetivos em suas ações. Novamente no estudo de Smith e Shu (2000), 9% dos alunos que revelaram o *bullying* ao professor afirmaram que esse não fez nada. Os alunos de Oliver e Candappa (2007) consideraram como fato inibidor a possibilidade de o professor não acreditar nos alunos, assim como repreendê-los. (2015,p. 29)

4. Seus pais ficaram sabendo do que aconteceu com você na escola? Se ficaram sabendo eles tomaram alguma providência? “Sim. Meu pai não gostava de problemas, então mandava minha mãe ir no colégio resolver, ela ia e conversava com os agressores tentando falar que eles eram muitos fortes para brigar comigo. Normalmente meus pais ficavam sabendo pelos vizinhos e eu ainda tinha que justificar para o meu pai porque tinha brigado no colégio e porque estava arrumando confusão”. A educação dos filhos não é papel só das mães como alguns pais pensam e o fazem na prática. É necessário que ambos participem de toda educação dos filhos, incluindo as possíveis dificuldades provenientes da escola.

5. O *bullying* deixou alguma marca em sua vida? “Me ensinou que a vida é dura e que temos que ser fortes, me ensinou a observar melhor meus filhos no colégio e hoje eu coloco eles para fazerem artes marciais para não apanharem no colégio”. CH sofreu com a violência do *bullying* não tendo o devido apoio dos seus pais, mas conseguiu fazer diferente na educação de seus filhos, estando presente nas atividades da escola e tentando a seu modo prepará-los para enfrentar situações da violência que passou na escola através da prática de artes marciais.

6. Você acha que o *bullying* atrapalha ou atrapalhou em alguma área de sua vida? “Acredito que não, pois fui mais forte em não deixar me abater e ir atrás de meus objetivos”. CH não se deixou abater pelos traumas que sofreu como vítima de *bullying* e conseguiu manter-se como um bom estudante vindo a ser aprovado num difícil concurso militar, tendo hoje uma carreira sólida e promissora, constituiu uma família bem estruturada e procura acompanhar seus filhos em todas as atividades na escola.

7. Você procurou algum tipo de ajuda ou tratamento para lhe ajudar a superar as situações que você elencou no item 8? Se sim qual e como foi essa ajuda?

Não procurei, não foi preciso.

3.14.2 – PRESENCIOU – INICIAIS – ES - 19 anos, solteiro, presenciou o *bullying* em escola pública, ano de 2015. Questionário preenchido em 18 mar 2018

1. Qual das situações abaixo você vivenciou em relação à prática do *bullying*:

Vítima () Presenciou (X) Agressor () Vítima/Agressor ()

2. Fale como era o *bullying* que você vivenciou: “Perturbação na escola por conta de apelidos inadequados, e isso era muito constrangedor e não falava nada para minha mãe”. Os apelidos estão entre as formas de *bullying* mais praticadas pelos estudantes. Quem os aplica na maioria das vezes acha que isso é inofensivo, mas quem os recebe geralmente sofre com eles gerando transtornos emocionais tais como baixa autoestima, depressão, ansiedade etc. BRINO e LIMA em sua pesquisa concluíram que 45,7% do *bullying* se deve aos apelidos (2015, p.31).

3. Os professores ou a direção escolar foram informados da situação que acontecia com você? Se foram avisados qual foi a providência que os professores ou a direção escolar tomaram a respeito? “Pegaram suspensão, uns foram até expulso da escola”. A exclusão escolar deve ser o último recurso a ser utilizado aos agressores de *bullying*, pois isso poderá estar destruindo a vida escolar desses alunos permanentemente. Os professores e toda a equipe docente deve buscar meios para coibir e abolir a prática do *bullying* dentro e até fora da escola através de diálogo franco com os agressores, chamar seus pais para terem ciência do ocorrido e participarem ativamente da correção de atitudes de seus filhos, criar regras em caso reincidência dessa prática como suspensão e por último até transferência ou exclusão em último caso.

4. Seus pais ficaram sabendo do que aconteceu com você na escola? Se ficaram sabendo eles tomaram alguma providência? “Sim, ficaram, até foram na escola, teve até briga contra os pais e quase foram parar na delegacia”. O fato narrado por ES não é difícil de acontecer dependendo da gravidade do *bullying* e da personalidade de seus pais, pois pai algum gosta de saber que seu filho está sendo humilhado com apelidos indesejáveis e de vê-lo sofrendo com isso, porém deve-se

buscar o diálogo em qualquer dos casos. A direção da escola deve conversar com os pais de ambos os alunos em dias separados a fim de se evitar estes confrontos que não ajudam em nada a resolver o problema.

5. O *bullying* deixou alguma marca em sua vida? “Deixou, mas superei isso porque sei que isso não faz sentido para minha conduta, mas sinto algumas marcas”. ES sofreu com apelidos por ser de maior peso que os demais alunos na época no ano de 2015. Simples apelidos que muitos consideram como inofensivos podem causar vários transtornos no emocional e psicológico de uma criança ou adolescente e podem perdurar até a vida adulta como nos informa a psicóloga BROTTTO em seu artigo **Consequências do *bullying* na vida adulta** (2020, p. única) diz que “As marcas emocionais e as consequências do *bullying* permanecem na vida adulta e vão acompanhando a fase de maturidade por longo tempo”.

6. Você acha que o *bullying* atrapalha ou atrapalhou em alguma área de sua vida? “Atrapalhou só na minha vida privada, isso foi toda em 2018”. Em conversa depois com ES este me falou tinha 16 anos nesta época e devido aos apelidos por ser gordo as meninas riam dele também, o que fez se sentir pior ainda com seu corpo. Segundo dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 7,4% dos 2,6 milhões de estudantes que cursaram o 9º ano do ensino fundamental em 2015 - algo em torno de 195 mil alunos - afirmaram ter sofrido *bullying* por parte dos colegas e destes 15,6% foram de chacotas devido a aparência do corpo.

7. Você procurou algum tipo de ajuda ou tratamento para lhe ajudar a superar as situações que você elencou no item 8? Se sim qual e como foi essa ajuda? “Não pedi nenhuma ajuda, só fiquei comigo mesmo e superei no tempo”. Muitas crianças e adolescentes sofrem sozinhas essas torturas, quando deveriam ter apoio na família e principalmente na escola, já que a grande maioria dos casos acontece dentro da mesma.

3.14.3 – AGRESSOR – INICIAIS – JV - 18 anos, solteiro, não informou onde praticou o *bullying* nem o ano provável. Questionário preenchido em 18 mar 2021

1. Qual das situações abaixo você vivenciou em relação à prática do *bullying*:

Vítima () Presenciou () Agressor (X) Vítima/Agressor ()

2. Fale como era o *bullying* que você vivenciou: “Eu era sempre o mais temido entre os colegas de classe por ser mais alto e forte. Sempre que iniciava os anos escolares e novos colegas de classe, fazia sempre novos alvos agredindo e chamando por apelidos tipo: baleia, barriga de verme, cabeção, mulherzinha etc.”. JV é um típico praticante de *bullying* do tipo agressor por ter um bom porte atlético com seus 1,85 de altura distribuídos nos seus 90 kg. Conversando com ele este estudante verificou que o mesmo mora num dos bairros de maior criminalidade de São Luís, mas que segundo ele nunca se envolveu com gangues ou fez uso de drogas.

3. Os professores ou a direção escolar foram informados da situação que acontecia com você? Se foram avisados qual foi a providência que os professores ou a direção escolar tomaram a respeito? “Sim. Primeiro fui levado a diretoria e em seguida chamaram meus pais a escola”. JV informou que por algumas vezes foi levado para diretoria e depois de alguém falar com ele lhe entregaram uma carta para dar aos pais e que este só entraria na escola com eles. Seus pais ficaram sabendo do que ela fazia e tomaram as providências mencionadas na questão 4.

4. Seus pais ficaram sabendo do que aconteceu com você na escola? Se ficaram sabendo eles tomaram alguma providência? “Ficaram sim. Proibiram de sair de casa e levei uma baita surra de cinto do meu pai”. JV informou que seus pais só tinham a ele de filho e que davam tudo a ele. Que conversaram inicialmente para ele parar com essas brigas na escola e deixar de estar colocando apelidos nos colegas. Numa segunda vez o proibiram por 2 semanas de sair de casa e na última seu pai lhe deu uns “tabefes” e o ameaçou a expulsar de casa. Depois disso JV nunca mais se envolveu em problemas na escola.

5. O *bullying* deixou alguma marca em sua vida? “Não. Eu fui sempre o zoei os outros até o dia que meu pai me deu uma surra e me ameaçou expulsar de casa”. Quem pratica *bullying* geralmente acha que nada lhe afetará na sua vida, mas os pesquisadores têm observado que não é bem assim. O artigo **Efeitos do *Bullying***

na vida adulta, datado de 31 jul. 14, no site Oficina de Psicologia, nos diz que “Os resultados mostram que os agressores (bullies) têm maior risco de consumir substâncias, de ter problemas de ansiedade, depressão, abuso e hostilidade”. Graças ao apoio e presença de sua família JV não teve maiores consequências de seus atos de praticante de *bullying* e conseguiu entrar na vida militar e está se destacando como um dos melhores soldados de sua Companhia.

6. Você acha que o *bullying* atrapalha ou atrapalhou em alguma área de sua vida? “Sim. Ao passar dos anos percebi que o quê era diversão para mim era a tristeza dos outros que tanto fiz apelidos e brincadeiras. Me arrependo por tudo que fiz”. Como JV informou na questão nº 2 este reside num bairro violento e com a presença de gangues. Informou também que perdeu muitos de seus amigos para as drogas e alguns estão presos, porém como mencionado na questão anterior JV teve a atuação de sua família nos seus problemas na escola além da uma boa educação que recebeu este. Certamente esses fatores ajudaram a superar as marcas que o *bullying* deixa mesmo naqueles que são agressores.

7. Você procurou algum tipo de ajuda ou tratamento para lhe ajudar a superar as situações que você elencou no item 8? Se sim qual e como foi essa ajuda? “Não exatamente, porém com o apoio da minha família e da escola em que estudei fui me tornando adulto e vendo que o que fazia com os colegas não era o certo. Mudei me tornei uma boa pessoa”. Graças a presença de sua família que não deixou JV seguir os maus exemplos dos seus colegas de bairro e a uma escola que segundo ela era muito rígida não foi preciso procurar uma ajuda especializada. Nessa história de JV podemos notar o papel importante da família e da escola na prevenção e combate ao *bullying*, não que estas instituições sejam a solução de todos os problemas que a criança e adolescentes enfrentam com o tema, pois tem também o papel da igreja, sociedade, vizinhança, etc.

3.13.4 – VÍTIMA/ AGRESSOR – INICIAIS – PC - 22 anos, casado, sofreu *bullying* na vizinhança e escola do bairro onde mora e sofreu com o *bullying* em praticamente toda infância. Questionário preenchido em 24 fev. 2021

1. Qual das situações abaixo você vivenciou em relação à prática do *bullying*:

Vítima () Presenciou () Agressor () Vítima/Agressor (X)

2. Fale como era o *bullying* que você vivenciou: “Sempre pratiquei, presenciei ou fui vítima de *bullying* com meus amigos da vizinhança ou da escola, sempre usamos apelidos”. Em conversa com PC este me falou que quando estudante era apelidado pelos colegas e ele para não deixar barato também os apelidava, mas que segundo ele todos levavam na brincadeira.

3. Os professores ou a direção escolar foram informados da situação que acontecia com você? Se foram avisados qual foi a providência que os professores ou a direção escolar tomaram a respeito? “Nunca avisava os professores”. Como ele recebia e praticava o *bullying* através de apelidos nunca avisou aos professores, até porque segundo ele quem ia levar bronca era ele.

4. Seus pais ficaram sabendo do que aconteceu com você na escola? Se ficaram sabendo eles tomaram alguma providência? “Não os informava”. Pelo mesmo motivo acima ele não informava os pais que segundo ele eram religiosos e “pegariam no pé” dele se ficassem sabendo.

5. O *bullying* deixou alguma marca em sua vida? “Nos anos escolares não deixou nada, sempre ignorei”. Como PC levava essa situação na brincadeira segundo ele não ficou marcas em sua vida os apelidos que recebia e colocava nos demais colegas.

6. Você acha que o *bullying* atrapalha ou atrapalhou em alguma área de sua vida? “Não”.

7. Você procurou algum tipo de ajuda ou tratamento para lhe ajudar a superar as situações que você elencou no item 8? Se sim qual e como foi essa ajuda? “Nunca achei necessidade de fazer algum tratamento”. PC não achou necessidade de procurar algum tipo de ajuda ou tratamento, até porque ela também era um praticamente do mesmo tipo de *bullying* pelo qual sofria.

4 - CONCLUSÕES

O *bullying* por mais inofensivo que pareça ser sempre será uma forma de agressão a qualquer pessoa e por ser notadamente praticado contra crianças e adolescentes e a grande maioria dentro da escola, o que se torna um mal social a ser combatido em todas as suas formas.

Foi observado que o *bullying* acontece nos mais variados locais (item 3.8), até mesmo dentro de casa e neste caso referente à aparência física de alguém. Pode-se especular que talvez algum irmão mais velho ou outro parente tenha dito alguma “chacota” por esse jovem ser talvez obeso ou qualquer outra característica física. Até nas suas casas as crianças não estão livres de sofrerem *bullying*. O que mais chama atenção dentre os locais que aconteceram os atos de *bullying* é que na escola é o local disparado de maior ocorrência dele. Justamente o local onde as crianças deveriam se sentir seguras e acolhidas para desenvolverem sua aprendizagem e a aprenderem a conviver em sociedade.

Alguns acham que simples apedidos são “normais” ou coisa de crianças, porém vimos que eles causam tanta dor como as agressões físicas, inclusive certos apelidos como vimos nos relatos dos participantes tais como “macaco”, “nego” ou “preto” ao pé da lei são crimes de racismo (item 1 do Apêndice).

Muitos alunos não avisam os professores que estão sofrendo *bullying* (42,18%) às vezes até dentro da sala de aula por diversos motivos, mas o mais grave deles é porque alguns acham ou tem certeza de que o professor não fará nada (6,25%), deixando as vítimas à mercê de seus agressores que neste caso se sentirão mais motivadas a continuarem suas práticas.

Foi verificado também na pesquisa que igual porcentagem não avisaram os pais que estavam sendo vítima de *bullying* e dos 11 participantes que avisaram teve pais que deram surras em seus filhos muitas vezes sem ao menos procuram saber o que de fato estava acontecendo. Teve alguns pais que foram até a escola verificar o que estava acontecendo com seus filhos. Dos relatos dos que avisaram os pais somente em um deles os pais acalmaram o adolescente na época e o fortaleceram psicologicamente, o que certamente o ajudou a enfrentar esse problema.

Mais da metade dos participantes informaram que o *bullying* não deixou marcas em suas vidas (item 3.11.1). Um dos grandes problemas é que aqueles que passaram por essa experiência desagradável tentam conviver com isso e nem se apercebem que deixaram de tirar as boas notas de antes, que se tornaram mais fechadas, isoladas, desconfiadas, deprimidas etc. Aqueles que reconheceram que o *bullying* deixou marcas demonstram em seus depoimentos o quanto ele pode ser danoso na vida de uma criança ou adolescente, tais como “me ensinou que a vida é dura e que temos que ser fortes”, “lembranças desagradáveis”, “deixou mas superei isso”, “sim, vergonha do meu corpo”. Novamente destaco que se torna de suma importância os pais observarem as mudanças de comportamento de seus filhos como desculpas para não querer ir para escola, insônias, pesadelos, falta de apetite, isolamentos etc.

Mais de 59% dos participantes da pesquisa informaram que o *bullying* não atrapalhou suas vidas (item 3.12.1). Essa porcentagem positiva se deve em muito à uma família bem estruturada onde os pais estão presentes nas vidas de seus filhos, pois estes filhos estão mais preparados a enfrentarem essa violência pois o diálogo e educação deles os ajudou a não serem vítimas tão fáceis. Uma escola que tem compromisso no combate e erradicação desta violência é de suma importância nos números positivos acima.

Observando os relatos daqueles que informaram que o *bullying* atrapalhou suas vidas podemos ver a gravidade dessa prática: “minha autoestima foi uma das mais afetadas”, “me senti humilhado pelo que falavam de mim”, “eu ficava bem longe das pessoas, ficando só e pedia ajuda a minha família”, “percebi que o quê era diversão para mim era a tristeza dos outros” (item 5.3 do Apêndice). Nota-se que esses relatos são tanto de vítimas como de quem era agressor. Quem pratica e sofre *bullying* poderá ter consequências pelo resto de suas vidas.

Como foi demonstrado nos números do item 3.13.1 mais da metade dos participantes da pesquisa que vivenciaram a presença do *bullying* em suas vidas não procuram nenhum tipo de ajuda ou tratamento o que geralmente agrava mais ainda este problema, pois tentam lidar sozinhas com esses traumas pelo resto de suas vidas. Um informou que foi seu próprio psicólogo e o outro procurou conforto na vida

espiritual. Dos 46 que vivenciaram de alguma forma esta violência somente 2 procuraram ajuda (item 6.3 do Apêndice), sendo que de fato somente um que procurou a família. Na escola os estudantes têm que se sentirem motivados a procurarem ajuda ou a informar a direção da escola quando que estão passando por esse problema ou o presenciaram. Eles devem ter ciência que existe pelo menos uma pessoa para lhes ouvir e até mesmo tomar providência para coibir esta prática dentro da escola. É papel fundamental também dos pais (não só da mãe) estarem atentos a tudo o que acontece com seus filhos dentro e fora da escola e se notarem que tem algo de errado devem conversar com os filhos e se for devido a problemas na escola, devem procurar a mesma para solucionar o problema da melhor maneira possível.

Seria de bom alvitre que todos os cursos de Pedagogia das Faculdades no Brasil abordassem em suas grades curriculares sobre Bullying e seus efeitos nocivos na vida de todos os envolvidos, a fim de que os professores tenham a real noção do que essa violência pode causar na vida de seus alunos e como este poderia agir da melhor maneira a fim de coibir tal situação em sua sala de aula.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Paloma Pegolo de; WILLIAMS Lúcia Cavalcanti de Albuquerque; D’AFFONSECA Sabrina Mazo. **Efeitos Tardios do *Bullying* e Transtorno de Estresse Pós-Traumático: Uma Revisão Crítica**. Brasília. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v29n1/11.pdf>. Acesso em 02 out 2020.

ALMEIDA, Antonia Fernandes de; MÜLLER, José Luiz. **Violência na Escola**. Mato Grosso: 2013. Disponível em: <https://doaj.org/article/fb9ac22f2770453c93a8f658c6677d9c>. Acesso em: 18 jul. 2020.

ANDRESSA, Lúcio Flávio; ALENCAR, Silva Pereira de. **A INTERVENÇÃO DO PROFESSOR FRENTE AO *BULLYING* EM SALA DE AULA**. São Paulo. 2015. Disponível em: <http://conic-semesp.org.br/anais/files/2015/trabalho-1000020778.pdf>. Acesso em 06 fev. 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA. Disponível em: <http://www.observatoriodainfancia.com.br>. Acesso em 06 fev. 2021.

BERNADO, André. **De notas baixas a depressão na vida adulta, as marcas do bullying em agredidos e agressores**. Site da BBC News Brasil. Artigo publicado em 25 out 17. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41689223>. Acesso em 16 out 2020.

BRINO, Raquel de Faria. LIMA, Maria Helena do Carmo Gomes. **Compreendendo estudantes vítimas de bullying: para quem eles revelam?**. São Paulo. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sciarttext&pid=S1414-69752015000100003>. Acesso em: 06 fev. 2021.

BROTTO, Thaiana Filla. **Consequências do bullying na vida adulta**. São Paulo. 2020. Disponível em: <https://www.psicologosberrini.com.br/blog/consequencias-do-bullying-na-vida-adulta/#:~:text=Obesidade%20e%20problemas%20card%C3%ADacos%20tamb%C3%A9m,tipo%20diabetes%2C%20AVC%20e%20enxaquecas>. Acesso em 10 out 2020.

CACHOEIRA, Rosilane Damazio; ZWIEREWICZ, Marlene; SILVA, Danielle Engels da; SOARES, Juliana Cidade; SANTOS, Luana Batista dos. **O Bullying no contexto escolar: Uma Sistematização de Estudos Precedentes**. Centro Universitário Barriga Verde, Orleans, Santa Catarina. 2014. Disponível em: <https://revista.selectronicas.ujaen.es/index.php/reid/article/view/2158/1941>. Acesso em 15 ago. 2020.

Cronologia de ataques a tiros em Escolas do Brasil. Site da Agência de notícias DW Made for minds. Artigo publicado em 14 mar 19. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/cronologia-de-ataques-a-tiros-em-escolas-do-brasil/a-47902945#:~:text=Em%20abril%20de%202011%2C%20um,institui%C3%A7%C3%B5es%20de%20ensino%20do%20Brasil>. Acesso em 16 out 2020.

Efeitos do Bullying na vida adulta. Site Oficina de Psicologia. Artigo publicado em 31 Jul 14. Disponível em: <https://www.oficinadepsicologia.com/efeitos-do-bullying-na-idade-adulta/>. Acesso em 16 out 2020.

EIZIRIK, Cláudio Laks. **Associação entre trauma por perda na infância e depressão na vida adulta**. Revista Brasileira de Psiquiatria. Porto Alegre. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbp/v24n4/12728.pdf>. Acesso em 02 out 2020.



FELIZARDO, Aloma Ribeiro. **Bullying: A violência que nasce na escola - orientações práticas para uma cultura de paz** [livro eletrônico]. Curitiba: Inter Saberes, 2019.

FRANCISCO, Marcos Vinicius; COIMBRA, Renata Maria. **Análise do bullying escolar sob o enfoque da psicologia histórico-cultural. Estudos de Psicologia.** Natal. 2015. Disponível em: <https://www.readcube.com/articles/10.5935%2F1678-4669.20150020>. Acesso em 16 ago. 2020.

HAMMES, Jaqueline Machado; SCHWINN, Simone Andrea. **Violência na escola: a prática do bullying e o caminho para a prevenção.** UNISC. 2014. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidssp/article/view/11763/1548>. Acesso em 11 set 2020.

HAMMOUD, Maitê. **Quais as consequências do Bullying na vida adulta?**. Site Mundo Psicólogos. Artigo publicado em 27 nov. 19. Disponível em: <https://br.mundopsicologos.com/artigos/quais-as-consequencias-do-bullying-na-vida-adulta>. Acesso em 09 out 2020.

MARQUES, Emília de Rodat Ribeiro; MELO, Emanuel Costa de; FERNANDES, Gilsandra de Lira; JÚNIOR, Jonas Oliveira Menezes; ANDRADE, Alexsandra Layani Faustino de; OLIVEIRA, Rosângela Guimarães de. **O Bullying e os danos à Saúde Mental.** João Pessoa. 2019. Disponível em: <http://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2019/09/19418.pdf>. Acesso em 09 out 2020.

MENEGOTTO, Lisiane Machado de Oliveira; PASINI, Audri Inês; LEVANDOWSKI, Gabriel. **O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos.** Novo Hamburgo. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sciarttext&pid=S1516-36872013000200016>. Acesso em 09 Out 2020.

MIRANDA, Rosane de Sousa. **O Bullying a partir de Representações Sociais de Estudantes e da Análise de Produções Científicas.** Paraíba. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6887>. Acesso em: 02 ago. 2020.

NETO, Aramis A. Lopes. **Bullying - comportamento agressivo entre estudantes.** Rio de Janeiro. 2005. Disponível: <https://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>. Acesso em: 06 fev. 21.

Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=297870>. Acesso em: 06 fev. 2021.



OLIVEIRA, Elaine Lúcia Dias de. **Bullying na infância e adolescência: repercussões na vida e saúde de universitários adultos do sexo masculino.** Bauru. 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/97504/oliveiraeldmebauru.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 09 dez 2020.

SANTOS, Luzia Cristina Pereira. **BULLYING COMO DANO MORAL: efeitos e consequências.** Anápolis. 2018. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/jspui/handle/aee/633>. Acesso em: 06 fev. 2021.

SILVA, Queila Barbosa Montanari Tavares. **Bullying: Papel dos pais na prevenção, detecção e enfrentamento do envolvimento dos filhos em situações de bullying.** São Paulo. 2011. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/bullying-papel-dos-pais-na-prevencao-deteccao-e-enfrentamento-do-envolvimento-dos-filhos-em-situacoes-de-bullying/77309/>. Acesso em: 06 fev. 2021.

SOUZA, Lélia Castro de. **Quando o bullying na escola afeta a vida adulta.** Paris. 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v36n110/04.pdf>. Acesso em 02 out 2020.

TOKARNIA, Mariana. **Um em cada dez estudantes no brasil é vítima frequente de bullying.** Site da Agência Brasil. Artigo publicado em 19 Abr. 17. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-04/um-em-cada-dez-estudantes-no-brasil-e-vitima-frequente-de-bullying>. Acesso em 16 out 2020

ZAVASCHI, Maria Lucrécia Scherer; SATLER, Fabíola; POESTER, Daniela; VARGASD, Cláudia Ferrão; PIAZENSKI, Rafael; ROHDE, Luís Augusto Paim; EIZIRIK, Cláudio Laks. **Associação entre trauma por perda na infância e depressão na vida adulta.** Revista Brasileira de Psiquiatria. Porto Alegre. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbp/v24n4/12728.pdf>. Acesso em 02 out 2020.

APÊNDICE AO TCC CONSEQUÊNCIAS DO *BULLYING* NA VIDA DE PESSOAS EM IDADE ADULTA

1 – RESPOSTAS DA QUESTÃO NR 2

- A grande parte do *bullying* que sofria era com nome referindo a mim, sem eu gostar ou até por pessoas que eu nem conhecia;

- Agressões verbais e físicas;

- Aparência física e pelo meu jeito de ser;

- Apelidos e gozações de mau gosto;

- Apelidos, palavras inadequadas sobre as formas de ser, como se veste, cabelo;

- Apenas presenciei o *bullying* com uns amigos meus, que foi muito desagradável;

- As meninas chamavam a outra menina que era mais gordinha;

- Brigas constantes e apelidos e muito xingamentos;

- *Bullying* por conta de apelidos;

- Colocavam apelidos em um aluno que deixava ele com vergonha e as palavras por chamarem ele de cambota fez ele ficar deprimido;

- Da minha forma física, do meu jeito quieto de ser, que eu era feio, burro e outras coisas;

- Diversos tipos, sobre o caso da aparência, pelo jeito de falar entre outras coisas, como a cor da pele;

- Eles me chamavam de batata;

- Em uma certa ocasião que olhei foi uma pessoa chamando um primo meu de negro e preto com a intenção de praticar;

- Era por conta do meu tamanho porque eu era “não muito grande”;

- Eram ofensas e com mais extremas agressões físicas;
- Eram palavras baixas e xingamentos;
- Eu sofri *bullying* por parte de alguns alunos mais velhos e repetentes, estava cursando a 8ª série. Tirava boas notas na turma, era o melhor aluno e os fortões queriam só um motivo para me dar alguns “pescoções”. Tentava reagir, mas estava em desvantagem pelo meu porte físico;
- Eu era sempre o mais temido entre os colegas de classe por ser mais alto e forte. Sempre que iniciava os anos escolares e novos colegas de classe, fazia sempre novos alvos agredindo e chamando por apelidos tipo: baleia, barriga de verme, cabeção, mulherzinha etc.
- Eu tinha dente para frente;
- Falavam muito sobre minha aparência e sobre tudo;
- Falta de dinheiro – ser pobre;
- Geralmente o *bullying* é formado quando o agressor falar macaco, então algumas verbalmente que as pessoas são de cor preta, então algumas coisas que a pessoa não gosta;
- Grande parte do *bullying* que sofria era com nome referido a mim, sem eu gostar ou até mesmo por pessoas que eu nem conhecia;
- Já presenciei casos de *bullying* por causa do peso;
- Me encheram de vários apelidos desagradáveis;
- Na escola que estudei apelidei um aluno de boca de jumento, mas ele se sentiu ofendido e me arrependi;
- Na verdade eu vivenciei e presenciei muito na escola, vendo amigos meus e outras pessoas apelidando pessoas de vários jeitos ofensivos;
- Não interferei;
- Não preenchido: 14



- Não sofri *bullying*: 2
- Não vivenciei;
- Nunca sofri *bullying*;
- O *bullying* que presenciei era destinado mais para as questões físicas dos indivíduos pelo simples fato de se acharem superiores;
- Perturbação na escola por conta de apelidos inadequados, e isso era muito constrangedor e não falava nada para minha mãe;
- Por ser nordestino tendo meus pais sido transferido pro Rio de Janeiro ao frequentar o colégio, alguns cariocas faziam *bullying*, chamando de “paraíba”;
- Preconceito racial;
- Presenciei dois amigos meus batendo em um colega por causa de seu tamanho;
- Presenciei o *bullying* na escola onde o agressor, o ofendia com apelidos que os menosprezavam;
- Quando criança, adolescente, sofria muito por conta de ser negro e ter dentes desalinhados;
- Quando eu tinha 16 anos na minha escola eu era chamado de “bike” por qual motivo até hoje eu não sei;
- Sempre pratiquei, presenciei ou fui vítima de *bullying* com meus amigos da vizinhança ou da escola, sempre usamos apelidos;
- Ser chamado de gordo na escola devido a ser acima do peso. Apelidos: gordo, baleia, bola, madimbu, gorducho, orca, entre outros;
- Sobre a questão de homossexualidade e estilo da pessoa;
- Sobre meu corpo porque eu era gordinho e tenha banha;
- Uma certa pessoa na escola saiu de perto da outra e começou a chamá-la de macaco, xingá-lo;



- Vi pessoas rindo e ridicularizando outra por conta da diferença de poder aquisitivo;

- Xingamentos ridicularizando a pessoa.

2 - RESPOSTAS DA QUESTÃO NR 3 - (item 3.9 do TCC)

Os professores ou a direção escolar foram informados da situação que acontecia com você? Se foram avisados qual foi a providência que os professores ou a direção escolar tomaram a respeito?

2.1 - NÃO FORAM AVISADOS: 27 – 42,19% - (item 3.9.1 do TCC)

- Para não prejudicar os outros: 1
- Pois os professores não faziam nada: 1
- Não, porque não aconteceu nada na escola: 1

2.2 - NÃO PREENCHIDO: 21 – 32,81% - (item 3.9.2 do TCC)

2.3 - FORAM AVISADOS: 16 – 25% - (item 3.9.3 do TCC)

2.3.1 - TOMARAM ALGUMA PROVIDÊNCIA: 12 – 18,75% - (item 3.9.3.1 do TCC)

- Conversaram com a vítima: 2
- Levaram o (s) agressor (res) a direção: 2
- Suspensão: 2
- Expulso da escola: 1



- Foram tomadas as medidas necessárias, tomaram as devidas providências:

1

- Chamaram os pais: 2

- Sim. Primeiro fui levado a diretoria e em seguida chamaram meus pais a escola: 1

- Sim foram informados, porém não adiantou muito, os alunos agressores usavam drogas e não tinham uma estrutura familiar para cuidar desta situação. Não sei se os pais dos alunos foram chamados, mas eles foram para a direção (os alunos):

1

2.3.2 - NÃO TOMARAM NENHUMA PROVIDÊNCIA: 4 – 6,25% - (item 3.9.3.2 do TCC)

- Não fizeram nada, nenhuma providência: 4

3 – RESPOSTAS DA QUESTÃO NR 4 - (item 3.10 do TCC)

Seus pais ficaram sabendo do que aconteceu com você na escola? Se ficaram sabendo eles tomaram alguma providência?

3.1 - NÃO INFORMARAM AOS PAIS: 27 – 42,29% - (item 3.10.1 do TCC)

- Não: 18

- Não ficaram sabendo: 6

- Não, guardei pra mim mesmo: 1

- Eu não contava nada: 1

- Nunca falei com meus pais sobre esse assunto: 1

3.2 - RESPOSTAS EVASIVAS: 26 – 40,62% - (item 3.10.2 do TCC)

- Não aconteceu comigo: 1
- Não sofri *bullying*: 1
- Não informado: 24

3.3 - INFORMARAM AOS PAIS: 11 – 17,19% - (item 3.10.3 do TCC)

- Sim: 1
- Souberam e foram até a escola: 2
- Sim, ela disse que não era pra mim ligar: 1
- Sim, me acalmaram e me fortaleceram psicologicamente: 1
- Ficaram sim. Proibiram de sair de casa e levei uma baita surra de cinto do meu pai:1
- Nada, a maioria das vezes me davam uma surra quando eu brigava na escola: 1
- Sim, mas pra eles sempre parecia que era normal na escola e que isso não podia influenciar nos meus estudos e que era sempre pra mim manter firme: 1
- Sim, ficaram sabendo mas diziam que isso era normal e que tinha que suportar, apenas falavam para mim que essa situação era temporária e com os anos iria passar: 1
- Sim. Meu pai não gostava de problemas, então mandava minha mãe ir no colégio resolver, ela ia e conversava com os agressores tentando falar que eles eram muitos fortes para brigar comigo. Normalmente meus pais ficavam sabendo pelos vizinhos e eu ainda tinha que justificar para o meu pai porque tinha brigado no colégio e porque estava arrumando confusão: 1

- Sim, ficaram, até foram na escola, teve até briga contra os pais e quase foram parar na delegacia: 1

4 - RESPOSTAS DA QUESTÃO NR 5 - (item 3.11 do TCC)

O *bullying* deixou alguma marca em sua vida?

4.1 - RESPOSTAS QUE O *BULLYING* NÃO DEIXOU MARCAS: 34 = 53,12%

- (item 3.11.1 do TCC)

- Não: 23
- Nos anos escolares não deixou marcas, sempre ignorei: 1
- Motivação que não preciso de dinheiro para ser feliz. A maior riqueza vem de Deus: 1
- Só me fortaleceu, eu não devo ligar pra opinião dos outros: 1
- Não, hoje em dia não faço nem questão, ajo naturalmente: 1
- Não, pois não sofri: 3
- Não, até porque não passei por isso e mesmo se passasse isso não seria motivo para colocar pra baixo e nem me deixar sequelas mentalmente: 1
- Até que não, porque eu não deixava isso entrar na minha cabeça: 1
- Não, só que hoje eu não pratico mais: 1
- Não. Eu fui sempre o zoei os outros até o dia que meu pai me deu uma surra e me ameaçou expulsar de casa:1

4.2 - NÃO PREENCHIDO: 19 = 29,69% - (item 3.11.2 do TCC)

4.3 - RESPOSTAS QUE O *BULLYING* DEIXOU MARCAS: 11 = 17,19% - (item 3.11.3 do TCC)

- Me ensinou que a vida é dura e que temos que ser fortes, me ensinou a observar melhor meus filhos no colégio e hoje eu coloco eles para fazerem artes marciais para não apanharem no colégio: 1

- Marca na alma não, lembranças desagradáveis, até porque eu era criança, não me sentia a vontade na sala de aula, principalmente perante as meninas: 1

- Deixou mas superei isso, porque sei que isso não faz sentido para minha conduta, mas sinto algumas marcas: 1

- Sim, mas hoje não são um problema: 1

- Sim, devemos compreender o próximo: 1

- De respeito ao próximo: 1

- Sim hoje em dia não gosto das pessoas fazerem algumas comparações com algo ou pessoa. Gosto de ser chamado pelo meu nome: 1

- Sim, mas eu superei: 1

- Um pouco: 1

- Naquele tempo sim, mas hoje em dia não mais: 1

- Sim, vergonha do meu corpo: 1

5 - RESPOSTAS DA QUESTÃO NR 6 - (item 3.12 do TCC)

Você acha que o *bullying* atrapalha ou atrapalhou em alguma área de sua vida?

5.1 - RESPOSTAS NEGATIVAS TOTAIS: 38 = 59,38% - (item 3.12.1 do TCC)

5.1.1 - RESPOSTAS NEGATIVAS EVASIVAS: 30 – 46,87% - (item 3.12.1.1 do TCC)

- Não: 23
- Não, porque não sofri: 1
- Nunca: 1
- Nada em nada: 1
- Não atrapalhou: 2
- Eu nunca sofri *bullying*: 1
- Varia de pessoa, pois pode deixar a vítima mais forte para tomar iniciativa ou pode deixar deprimido: 1

5.1.2 - RESPOSTAS NEGATIVAS COM MOTIVOS: 8 – 12,50% - (item 3.12.2 do TCC)

- Não, só me motivou a seguir em frente: 1
- Não, pois não sofri *bullying*, só presenciei: 1
- Não porque eu não me rebaixei para esses tipos de coisas: 1
- Não atrapalhou na minha vida, mas atrapalha muitos adolescentes pois meche muito o psicológico dos mesmos: 1
- Não, mais no caso de ver pessoas que passavam isso e são pessoas que convivem comigo, me incomoda muito: 1
- Não, eu sempre fui focado nos meus objetivos e fazia que nada atrapalhasse nos mesmos: 1
- Me ajudou a formar meu caráter e não ser igual aos que fazem: 1
- Acredito que não, pois fui mais forte em não deixar me abater e ir atrás de meus objetivos: 1

5.2 - NÃO PREENCHIDO: 18 – 28,12% - (item 3.12.2 do TCC)

5.3 - RESPOSTAS POSITIVAS: 8 – 12,50% - (item 3.12.3 do TCC)

- Sim: 2
- Sim, minha autoestima foi uma das mais afetadas: 1
- Atrapalhou no tempo, eu me senti humilhado pelo que falavam de mim: 1
- Atrapalhou só na minha vida quando eu estudava, isso foi todo em 2018: 1
- Sim, quando a ocorrência aconteceu eu ficava bem longe das pessoas, ficando só e pedia ajuda a minha família: 1
- Sim. Ao passar dos anos percebi que o quê era diversão pra mim era a tristeza dos outros que tanto fiz apelidos e brincadeiras. Me arrependo por tudo que fiz:1
- O *bullying* é uma coisa muito séria, talvez eu tivesse sido mais extrovertido, hoje acredito que não consigo afirmar amizades muito contínuas devido esse problema e sofri na infância, não tenho amigos dessa época e sou desconfiado, não confio diretamente, até que me prove ao contrário: 1

6 - RESPOSTAS DA QUESTÃO NR 7 - (item 3.13 do TCC)

Você procurou algum tipo de ajuda ou tratamento para lhe ajudar a superar as situações que você elencou no item 8? Se sim qual e como foi essa ajuda?

6.1 - RESPOSTAS NEGATIVAS TOTAIS: 34 = 53,13% - (item 3.13.1 do TCC)

6.1.1 - RESPOSTAS NEGATIVAS EVASIVAS: 23 – 35,94% - (item 3.13.1.1 do TCC)

- Não: 21
- Não recebi: 1
- Nenhuma: 1

6.1.2 - RESPOSTAS NEGATIVAS COM MOTIVOS: 11 – 17,17% - (item 3.13.1.2 do TCC)

- Não procurei, não foi preciso: 1
- Nenhuma, só me sentia com raiva no momento: 1
- Não, com o tempo eu vi que era normal: 1
- Nunca precisei de ajuda, nunca sofri *bullying*: 1
- Não, não procurei ajuda nenhuma, eu fui o meu próprio psicólogo: 1
- Não procurei ajuda, mas leio a Bíblia e ela fornece as respostas para as nossas ansiedades, problemas, angústias e problemas psicológicos: 1
- Nunca achei necessidade de fazer algum tratamento: 1
- Nunca procurei, foi com o tempo eu fui me acostumando: 1
- Não, sempre guardava para mim, nunca contei a ninguém e que hoje relevo: 1
- Não pedi nenhuma ajuda, só fiquei comigo mesmo e superei com o tempo: 1
- Não exatamente, porém com o apoio da minha família e da escola em que estudei fui me tornando adulto e vendo que o que fazia com os colegas não era o certo. Mudei me tornei uma boa pessoa: 1



6.2 - NÃO PREENCHIDO: 28 – 43,75% – 17,17% - (item 3.13.2 do TCC)

6.3 - RESPOSTAS POSITIVAS: 2 – 3,12% - (item 3.13.3 do TCC)

- Sim, procurei atividades físicas e treinava muito: 1
- Sim, procurei ajuda da minha família e ajuda pela internet: 1